

A RODA COMO DISPOSITIVO DE INTERAÇÃO COMUNICACIONAL - EMPODERANDO SUJEITOS E CONSTRUINDO NARRATIVAS

Anita Cristina Cardoso Magalhães¹

Resumo

Este artigo pretende refletir sobre a realidade da cidade de Araçuaí no contexto da pedagogia da roda, ou seja, compreender a vida cotidiana de seus moradores, suas interações comunicacionais, suas práticas narrativas, sua relação com a memória e sua representatividade.

Palavras-Chave: Pedagogia da Roda. Vida cotidiana. Interações comunicacionais. Narrativas. Memória e representatividade.

1 INTRODUÇÃO

Para iniciarmos este artigo precisamos compreender a realidade da cidade de Araçuaí no contexto da pedagogia da roda, ou seja, compreender a vida cotidiana de seus moradores, suas interações comunicacionais, suas práticas narrativas, sua relação com a memória e sua representatividade. Berger e Luckmann (1995) já sugeriam que a vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente.

Este sentido é traduzido por França (2007) nos estudos sobre a matriz conceitual de Mead (2006), como o conceito de interação, onde através de dois elementos, dois pólos, há uma fala de ação conjunta e reciprocamente referenciada,

¹ Mestranda em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Especialista em Gestão em Responsabilidade Social Empresarial pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2010) e Bacharel em Relações Públicas pelo Centro Universitário Newton Paiva (1991), participante grupo de pesquisa Comunicação no Contexto Organizacional: aspectos teórico-conceituais, da PUC-Minas, cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Consultora em Comunicação Corporativa e Responsabilidade Social.

ou seja, a comunicação está imanente ao ato social e diz respeito aos gestos que realiza. Os gestos estabelecem o início do ato e constituem um estímulo para que haja uma interpretação e por consequência a produção de sentido.

Qual é o mecanismo de base do processo social? É o gesto, que torna possível as respostas apropriadas dos diferentes organismos individuais engajados nesse processo. Em todo ato social, um ajustamento se produz, por meio dos gestos, entre as ações dos diferentes organismos. Os movimentos gestuais do primeiro organismo agem como estímulos específicos que provocam as respostas socialmente apropriadas do segundo organismo. (MEAD, 2006, p. 106).

2 VIDA COTIDIANA, INTERAÇÕES COMUNICACIONAIS, NARRATIVAS: MEMÓRIA E REPRESENTATIVIDADE

Através da interação da sociedade na vida cotidiana, podemos supor que há comunicação quando os gestos se tornam símbolos, quando eles fazem parte de uma linguagem e trazem um sentido partilhado por todos os indivíduos envolvidos na ação. Para Mead (2006): %A contribuição da linguagem consiste em um conjunto de símbolos comuns que, correspondendo a certos conteúdos, são idênticos na experiência dos diferentes indivíduos.+

Em nossa pesquisa a produção de sentido muito nos interessa uma vez que abordaremos mais à frente as narrativas de contadores de história e cantadores de Araçuaí, através de produção de filmes curta metragem pelos jovens do Cinema Meninos de Araçuaí, onde tentaremos compreender o processo de resgate da memória nesta sociedade e sua importância.

Nesta perspectiva retornamos a Berger e Luckmann (1995) que enfatizam que o mundo da vida cotidiana não é somente tomado como uma realidade certa pelos membros ordinários da sociedade na conduta subjetivamente dotada de sentido que imprimem as suas vidas, mas é um mundo que se origina no pensamento e na ação dos homens comuns, sendo afirmado como real por eles. Assim, a comunicação não compreende apenas um processo de estímulo-resposta através de gestos, mas decorre da natureza desses gestos, ou da potencialidade de certos organismos para produzir gestos dotados de significação.

França (2007, p. 6) pontua que: é a linguagem, a presença de símbolos que confere a particularidade de certas interações caracterizadas como %conversação

consciente+. Os sentidos não são naturais, imanentes, mas construídos e percebidos.

O processo de comunicação se torna possível na conversação de gestos conscientes, onde cada um dos indivíduos que dela participa está consciente dessa conversação, precisamente porque essa significação aparece em sua experiência e que a consciência dessa significação implica tal aparição. (MEAD, 2006, p. 155).

Como indicado acima, esses gestos que evocam sentidos e são estímulos que devem provocar uma resposta do organismo ao qual eles se dirigem, têm uma outra particularidade: a consciência da significação faz com que eles afetem não apenas o outro ao qual se dirigem, mas igualmente aquele que o produz. O estímulo, na comunicação humana, é um estímulo para o outro, mas também para aquele que o emitiu, e provoca uma resposta dos dois organismos.

França (2007) enfatiza que essa dupla natureza do gesto significativo marca sua inscrição relacional: o gesto existe %entre+, e ele é tanto um estímulo para o outro quanto uma resposta às reações possíveis deste outro.

Percebemos assim a extrema importância da comunicação, ela é inseparável do ato social que ajuda a realizar. %O processo de comunicação coloca simplesmente a inteligência a serviço do indivíduo. Porém o indivíduo que dispõe desta capacidade é um indivíduo social.+(MEAD, 2006, p. 296).

Berger e Luckmann (1995) já sinalizavam sobre a importância da comunicação e da linguagem para a produção de sentido na vida cotidiana. Para eles a realidade da vida cotidiana aparece já objetivada, isto é, constituída por uma ordem de objetos que foram designados como objetos anteriormente. A linguagem usada na vida cotidiana fornece continuamente as necessárias objetivações e determina a ordem em que estas adquirem sentido e na qual a vida cotidiana ganha significado. Desta maneira a linguagem marca as coordenadas da vida na sociedade e enche esta vida de objetos dotados de significação. A experiência da vida cotidiana ocorre em diferentes graus de aproximação e distância, espacial e temporalmente. A mais próxima é a zona da vida cotidiana diretamente acessível à corporal. A linguagem comum que dispõe-se para a objetivação de experiências funda-se na vida cotidiana e conserva-se sempre apontando para ela mesmo quando a emprega-se para interpretar experiências em campos delimitados de significação.

Entendemos que a comunicação é igualmente importante na organização e transformação da sociedade: %o princípio fundamental na organização social é aquele da comunicação que implica uma participação de outrem+ (Mead, 2006, p. 304). A sociedade existe enquanto realização permanente de atos e trocas possibilitadas pela comunicação. E é também a comunicação que ajuda a explicar suas transformações.

Nós não somos apenas e simplesmente os produtos da sociedade. Tomamos parte em uma conversação na qual aquilo que dizemos é escutado pela sociedade, e sua resposta [da sociedade] é afetada por aquilo que temos a dizer. [...] É desta maneira que a sociedade se transforma. (MEAD, 2006, p. 234)

Percebemos, além disso, que, a realidade da vida cotidiana, apresenta-se como um mundo intersubjetivo, um mundo de que há participação juntamente com outros homens. Esta intersubjetividade diferencia nitidamente a vida cotidiana de outras realidades das quais têm-se consciência.

De fato, não posso existir na vida cotidiana sem estar continuamente em interação e comunicação com os outros. Sei que minha atitude natural com relação a este mundo corresponde à atitude natural dos outros, que eles também compreendem as objetivações graças às quais este mundo é ordenado, que eles também organizam este mundo em torno do %aqui e agora+ de seu estar nele e têm projetos de trabalho nele. Sei também, evidentemente, que os outros têm uma perspectiva deste mundo comum que não é idêntica à minha. (BERGER; LUCKMANN, 1995, p. 63).

Berger e Luckmann (1995), entendem que o que tem a maior importância é que haja uma contínua correspondência entre os significados de uns e de outros no mundo que é partilhado em comum, no que respeita à realidade do outro. A atitude natural é a atitude da consciência do senso comum a muitos homens. O conhecimento do senso comum é o conhecimento que há partilha com os outros nas rotinas normais, evidentes da vida cotidiana.

Este conhecimento do senso comum na vida cotidiana é onde indivíduos e objetos interagindo em um esquema mais ou menos rotineiro e inventivo agenciam múltiplas configurações da vida social; a sociedade é estruturada pelas e nas situações e projetos desenvolvidos coletivamente. Para França (2007), inicialmente, todo ato social é uma interação, ação partilhada, levada a termo em conjunto: %o ato

social compreende a interação de diferentes organismos, isto é, sua adaptação mútua+(MEAD, 2006, p. 133).

[...] O ato social não se resume à soma de estímulos e respectivas respostas. O ato social é uma totalidade dinâmica, em desenvolvimento, e da qual nenhuma parte pode ser compreendida nela mesma. O ato social é um processo orgânico complexo que está implicado em todos os estímulos e em todas as respostas dos indivíduos que dele fazem parte. (MEAD, 2006, p.100)

A comunicação enquanto interação é uma relação de dois: um e outro estão lá desde o princípio, e não podem ser ignorados (ainda que nosso foco de análise incida mais particularmente sobre a ação de um deles). Não é possível, numa perspectiva interacional, analisar a intervenção de um emissor sem levar em conta o outro a quem ele se dirige e cujas respostas potenciais (as respostas do outro imediato e de outrem) - o grupo ao receptor separado dos estímulos que lhe foram endereçados e que o constituíram como sujeito daquela relação.

Sendo a comunicação uma prática de palavra (no seu sentido largo - expressão humana de sentido), de construção e difusão de material discursivo. Da ordem da ação, intervenção concreta de sujeitos, dotada de uma dimensão material, sensível; mas aquilo que ela produz, o que ela torna disponível são gestos significantes - gestos para evocar sentidos no outro. As interações comunicacionais são aquelas que se utilizam de gestos significantes. É a presença da significação, da linguagem que delimita nosso terreno - embora os limites entre os dois campos sejam tênues.

França (2007) menciona que a interação é uma forma de se tocar o outro, interferir no comportamento do outro. A situação de interagir mexe com todos os sujeitos envolvidos no ato; interagir através de gestos significantes faz intervir na ação em curso um mundo paralelo - um mundo de possibilidades, de escolhas; uma temporalidade condensada - em que passado e futuro são acionados e intervêm na ação presente dos atores. Logo, a comunicação é, sobretudo, uma interação, marcada pela reflexividade - em que cada parte atua sobre a outra, e onde passado e futuro são acionados pela ação no presente.

As ponderações de França (2007) acima são pertinentes ao pensamento de Berger e Luckmann (1995) que afirmam que, a realidade da vida cotidiana não é cheia unicamente de objetivações; é somente possível por causa delas. Qualquer

etnólogo ou arqueólogo pode facilmente dar testemunho destas dificuldades, mas o próprio fato de poder superá-las e reconstruir, partindo de um artefato, as intenções subjetivas de homens cuja sociedade pode ter sido extinta a milênios, é uma eloqüente prova do duradouro poder das objetivações humanas. Um caso importante de objetivação é a significação, isto é, a produção humana de sinais. Um sinal pode distinguir-se de outras objetivações por sua intenção explícita de servir de índice de significados subjetivos. Sem dúvida, todas as objetivações são susceptíveis de utilização como sinais, mesmo quando não foram primitivamente produzidas com esta intenção.

E ainda Berger e Luckmann (1995) argumentam que a vida cotidiana é sobretudo a vida com a linguagem, e por meio dela, de que participa-se com os semelhantes. A compreensão da linguagem é por isso essencial para a compreensão da realidade da vida cotidiana. A linguagem tem origem na situação face a face, mas pode ser facilmente destacada desta. O destacamento da linguagem consiste muito mais fundamentalmente em sua capacidade de comunicar significados que não são expressões diretas da subjetividade ~~na~~ aqui e agora+. Deste modo, a linguagem é capaz de se tornar o repositório objetivo de vastas acumulações de significados e experiências, que pode então preservar no tempo e transmitir às gerações seguintes. Sendo um sistema de sinais, a linguagem tem a qualidade da objetividade. A linguagem é flexivelmente expansiva, de modo que permite objetivar um grande número de experiências que encontram-se no caminho no curso das vidas. A linguagem também tipifica as experiências, permitindo-se agrupá-las em amplas categorias, em termos das quais tem sentido para todos os semelhantes. Ao mesmo tempo que tipifica também torna anônimas as experiências, pois as experiências tipificadas podem em princípio ser repetidas por qualquer pessoa incluída na categoria em questão. A linguagem estabelece pontes entre diferentes zonas dentro da realidade da vida cotidiana e as integra em uma totalidade dotada de sentido. As transcendências têm dimensões espaciais, temporais e sociais. Dito de maneira simples, por meio da linguagem o mundo inteiro pode ser atualizado em qualquer momento. A linguagem constrói, então, imensos edifícios de representação simbólica que parecem elevar-se sobre a realidade da vida cotidiana como gigantescas presenças de um outro mundo.

Dentro deste enfoque não podemos deixar de analisar as questões da representatividade dos indivíduos na vida cotidiana. Para entender o processo de

representação social dos jovens do Cinema Meninos de Araçuaí e dos contadores de história e cantadores por eles pesquisados precisamos compreender as questões de identidade dos sujeitos de Araçuaí através da análise de seus relatos, ou seja, se há uma representação de histórias e cantigas resgatadas através dos filmes em curta metragem que estão sendo apresentados na visão de quem os dirige e pela impressão que se forma a respeito destas representações ou se são apresentadas sob a visão dos próprios narradores.

Para França (2004), as representações estão intimamente ligadas a seus contextos históricos e sociais por um movimento de reflexividade . elas são produzidas no bojo de processos sociais, espelhando diferenças e movimentos da sociedade; por outro lado, enquanto sentidos construídos e cristalizados, elas dinamizam e condicionam determinadas práticas sociais. Na sua natureza de produção humana e social, tem uma dimensão interna e externa aos indivíduos, que percebem e são afetados pelas imagens (passam por processos de percepção e afecção) - e, desses processos, as devolvem ao mundo na forma de representações.

O mundo da vida cotidiana tem seu próprio padrão do tempo, que é acessível intersubjetivamente. A estrutura temporal da vida cotidiana é extremamente complexa, porque os diferentes níveis da temporalidade empiricamente presente devem ser continuamente correlacionados.

Para Berger e Luckmann (1995) a estrutura temporal fornece a historicidade que determina a situação no mundo da vida cotidiana. Estão localizadas em uma história muito mais ampla e esta localização configura decisivamente uma determinada situação. A estrutura temporal da vida cotidiana não somente impõe sequências predeterminantes à agenda de um único dia, mas impõe-se também a uma biografia em totalidade. A realidade da vida cotidiana sempre aparece como uma zona clara atrás da qual há um fundo de obscuridade. Assim como certas zonas da realidade são iluminadas permanecem na sombra.

Segundo Goffman (1998) presume-se que a vida apresenta coisas reais e, às vezes, bem ensaiadas. Mais importante, talvez, é o fato de que no palco um ator se apresenta sob a máscara de um personagem para personagens projetados por outros atores. A platéia constitui um terceiro elemento da correlação, elemento que é essencial, e que entretanto, se a representação fosse real, não estaria lá. Sendo assim podemos analisar as narrativas feitas pelos jovens do Cinema dos Meninos de

Araçuaí, como uma representação do real e revestida de valores do passado e remodelada para o presente.

Certeau (2008) compartilha das afirmações de Goffman (1998, p. 196):

No relato não se trata mais de ajustar-se o mais possível a uma realidade (uma operação técnica, etc.) e dar credibilidade ao texto pelo real que exhibe. Ao contrário, a história narrada cria um espaço de ficção. Ela se afasta do real ou melhor, ela aparenta subtrair-se à conjuntura: era uma vez [...].

Para Goffman (1998) o termo representação refere-se a toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência.

Não podemos desprezar esta representação como legítima dos contadores de história e cantadores de Araçuaí que quando desempenham um papel, implicitamente solicitam de seus observadores que levem a sério a impressão sustentada perante eles. Pede-lhes para acreditarem que o personagem que vêem no momento possui os atributos que aparenta possuir, que o papel que representa terá as conseqüências implicitamente pretendidas por ele e que, de um modo geral, as coisas são o que parecem ser.

Goffman (1998) salienta que uma condição, uma posição ou um lugar social não são coisas materiais que são possuídas e, em seguida, exibidas; são um modelo de conduta apropriada, coerente, adequada e bem articulada. Representando com facilidade ou falta de jeito, com consciência ou não, com malícia ou boa-fé, nem por isso deixa de ser algo que deva ser encenado e retratado e que precise ser realizado. Subjacente a toda interação social parece haver uma dialética fundamental. Quando um indivíduo se apresenta a outros, deseja descobrir os fatos da situação. Se possuir esta informação, poderá saber, e levar em consideração, o que irá acontecer, e dar às pessoas presentes o que lhes é devido, de modo coerente com seu interesse próprio assim esclarecido.

Os pensamentos de Dominique Wolton (2006) são muito pertinentes nesta discussão sobre a identidade coletiva e a interação comunicacional. Para ele revalorizar a identidade coletiva é abrir-se a outras realidades, e, sobretudo admitir este duplo movimento segundo o qual a identidade cultural é tanto um patrimônio quanto uma capacidade de dinamização.

A afirmação de identidade em um mundo aberto é um apelo ao respeito e à tolerância. Apelar para o respeito à identidade não é o saldo de um comportamento ultrapassado, mas o símbolo da modernidade e das sociedades multiculturais. (WOLTON, 2006, p.148).

Para Braga (2006) o que parece relevante, em perspectiva macrossocial, é a teoria de que a sociedade constrói a realidade social através de processos interacionais pelos quais os indivíduos e grupos e setores da sociedade se relacionam. Esta proposição da sociologia do conhecimento tem uma formulação abrangente e detalhada na obra, de Berger & Luckmann (1983, p.47): "Construímos socialmente a realidade social, na medida em que tentamos organizar possibilidades de interação".

Analisando esta perspectiva fica evidente que o ingresso ou reingresso do sujeito em uma sociedade corresponde a sua socialização - o que implica processos mais ou menos longos de aprendizagem e formação. A sociedade produz sua realidade através das interações sociais a que se entrega; mas igualmente produz os próprios processos interacionais que utiliza para elaborar sua realidade.

Braga (2006) afirma ainda que com a mediatização, a processualidade diferida e difusa adquiriu diferente amplitude e diversas qualidades adicionais. Uma delas é a possibilidade de "mostrar", por representação da imagem e/ou do som, os objetos e situações. Tais processos, antes dos inícios da mediação tecnológica eram acessíveis através de total dependência da palavra (ou seja - por transposição); enquanto que, com mediatização, a palavra suporta, complementa e faz avançar os processos, mas não é responsável pela totalidade de passagem da objetivação (do objeto ou da experiência objetivada).

França (2004) salienta:

Nossa perspectiva de trabalho se orienta e se identifica com os esforços que vêm sendo feitos para se pensar a comunicação como troca, interação, situação comunicacional que circunscreve a relação - mediada discursivamente - de sujeitos interlocutores. Por esse caminho, pensando a comunicação como instância de produção de sentido instalada num contexto relacional, alguns conceitos ganham particular importância - entre eles, os conceitos de representação social e de mediações. (FRANÇA, 2004, p. 13).

As representações podem ser tomadas como sinônimo de signos, imagens, formas ou conteúdos de pensamento, atividade representacional dos indivíduos, conjunto de ideias desenvolvidas por uma sociedade. As representações não

apenas variam dentro das diferentes épocas e culturas, mas também espelham vivências específicas dentro de determinadas sociedades. França (2004, p. 13) ainda comenta: %Só vivemos em uma sociedade quando compartilhamos quadros de sentido, compreensões e ideias que organizam e dão coerência à vida social.+

Para Braga (2011), as interações são frequentemente tomadas como determinadas por processos sociais mais amplos, no âmbito dos quais se desenvolvem - processos políticos, econômicos, campos sociais, âmbitos institucionais, lingüísticos, direcionamentos culturais. Cada episódio comunicacional, na sua prática de fenômeno em ação, recorre a determinadas matizes interacionais e modos práticos compartilhados para fazer avançar a interação. Tais matrizes - culturalmente disponíveis no ambiente social (e em constante reelaboração e invenção) correspondem ao que chamamos de %dispositivos interacionais+. Neste contexto as afirmações de Braga se encaixam perfeitamente ao projeto A roda como dispositivo de interação comunicacional, onde o conceito de interação nos conduz a pensar a comunicação sob o prisma da ação dos homens no mundo; a resgatar os contextos sócio-histórico e culturais onde se dão essas ações; a pensar a dinâmica instauradora de sentido no bojo das interações sociais, das ações reciprocamente referenciadas dos sujeitos sociais.

Entender o episódio comunicacional que se desenvolve nas produções cinematográficas feita pelos jovens do Cinema Meninos de Araçuaí, como dispositivos interacionais que foram gerados em circunstâncias históricas e acinados nos contextos específicos dos contadores de história e cantadores, é o ponto de análise em busca da comunicação concreta.

Os dispositivos interacionais acionados neste contexto geram processos inferenciais, que por sua vez podem incidir sobre os próprios códigos e sistemas da sociedade, e por outro lado, os dispositivos interacionais são modulados pelos contextos e processos institucionais específicos em cujo ambiente ou referência se desenvolvem.

A sociedade aciona os dispositivos interacionais para poder interagir, isto é permite aos sujeitos incluir as mediações que o usuário traz, ou seja, permite incluir os processos em geral que cercam a circulação mediática, sob qualquer forma que esta ocorra. Os dispositivos de interação são processos específicos da experiência vivida e das práticas sociais.

Tanto na pedagogia da roda como nas produções cinematográficas dos jovens do Cinema Meninos de Araçuaí percebemos o sistema de relações entre os elementos e uma tentativa processual, como possibilidade de uma ação interacional. Entendemos que os fenômenos comunicacionais ocorrem, em sociedade, como trocas e interações (verbais, gestuais, sonoras, por imagens, etc.) no âmbito de dispositivos sociais estabelecidos, no quadro institucional que ocorrem como contextos referidos pelos sujeitos. O objetivo, no exame do corpus - as narrativas dos contadores de história e cantadores de Araçuaí -, será procurar pistas (diretas ou indiretas) para inferir tais elementos - dispositivos, práticas, lógicas locais - nos objetos empíricos estudados.

Nesta discussão precisamos compreender melhor as questões das narrativas acima mencionadas. Como estas narrativas de histórias, músicas e causos produzem um dispositivo de interação comunicacional entre a comunidade de Araçuaí, seus contadores de história e cantadores e os jovens do Cinema Meninos de Araçuaí. E para desenvolvermos o pensamento sobre as narrativas precisamos entender as questões ligadas à memória coletiva, a mortalidade e imortalidade de uma sociedade e por fim as narrativas.

Para Benjamin (1994), contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. E assim essa rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual.

A verdadeira narrativa tem em si uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida - de qualquer maneira, o narrador é um sujeito que sabe dar conselhos. No caso dos contadores de história e cantadores de Araçuaí o resgate de suas histórias possibilita o resgate da tradição cultural local e a utilização de suas narrativas como método de aprendizagem nas escolas.

O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria. Nesta frase Benjamin (1994, p.199) faz valer a importância da narrativa e completa: -
% arte de narrar está definindo porque a sabedoria - o lado épico da verdade -

está em extinção. Porém esse processo vem de longe. Nada seria mais tolo que ver nele um sintoma de decadência ou uma característica moderna+. Na realidade, esse processo, que expulsa gradualmente a narrativa da esfera do discurso vivo e ao mesmo tempo dá uma nova beleza ao que está desaparecendo, tem se desenvolvido concomitantemente com toda uma evolução secular das forças produtivas.

Benjamin (1994) ressalta que nada facilita mais a memorização das narrativas que a aquela sóbria concisão que as salva da análise psicológica. Quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte, mais completamente ela se assimilará à sua própria experiência e mais irresistivelmente ele cederá à inclinação de recontá-la um dia.

Sabia-se muito bem o que era experiência: as pessoas mais velhas sempre a passavam aos mais jovens. De forma concisa, com a autoridade da idade, em provérbios; ou de forma prolixa, com sua loquacidade, em histórias; ou ainda através de narrativas de países estrangeiros, junto à lareira, diante de filhos e netos. Mas para onde foi tudo isso? Quem ainda encontra pessoas que saibam contar histórias como devem ser contadas? Por acaso os moribundos de hoje ainda dizem palavras tão duráveis que possam ser transmitidas de geração em geração como se fossem um anel? A quem ajuda, hoje em dia, um provérbio? Quem sequer tentará lidar com a juventude invocando sua experiência? (GAGNEBIN, 1999, p. 63).

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesanato -no campo, no mar, na cidade - é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o puro em si+da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. E ainda seus vestígios estão presentes de muitas maneiras nas coisas narradas, seja na qualidade de quem as viveu, seja na qualidade de quem as relata.

Certeau (2008) em seu livro *A invenção do cotidiano - artes de fazer* - salienta que a narrativização das práticas seria uma maneira de fazer+ textual, com seus procedimentos e táticas próprios. A narratividade se insinua no discurso erudito como o seu indicativo geral (o título), como uma de suas partes (análises de casos+, histórias de vidas ou de grupos, etc.), ou como seu contraponto (fragmentos citados, entrevistas, ditos+, etc).

Walter Benjamin (1994) nos alerta sobre a arte de narrar estar em vias de extinção e que são cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências.

Estar ciente da mortalidade significa imaginar a imortalidade, sonhar com a imortalidade, trabalhar com vistas à imortalidade - ainda que seja somente esse sonho que enche a vida de significado, enquanto a vida imortal, se algum dia alcançada, traria somente a morte do significado. (BAUMAN, 1998, p. 191).

Para Bauman (1998), as conclusões são tão lúcidas quanto são esmagadoras: na vida humana, tudo conta, porque os seres humanos são mortais e sabem disso. Tudo do que os mortais humanos fazem tem sentido devido a esse conhecimento. Se a morte algum dia fosse derrotada, não haveria mais sentido em todas aquelas coisas que eles laboriosamente juntam, a fim de injetar algum propósito em sua vida absurdamente breve. Essa cultura humana que conhecemos - as artes, a política, a intrincada teia de relações humanas, ciência ou tecnologia - foi concebida no ponto do trágico, mas fatal, encontro entre o período finito da existência física e humana e a infinitude da vida espiritual humana. O ponto crucial da questão é que o conhecimento da mortalidade significa, ao mesmo tempo, o conhecimento da possibilidade de imortalidade.

Nora (1984) salienta que a aceleração da história, portanto, nos deixa face a face com a brutal consciência da diferença entre a memória real - social e inviolada, exemplificada, e também retida, como o segredo das chamadas sociedades primitivas, ou arcaicas - e a história, que é como nossas modernas sociedades, inexoravelmente sem memória, movidas pela mudança, organizam o passado. Vimos, sem dúvida, a tremenda expansão de nosso próprio modo de percepção da história, que, com o auxílio da mídia, substitui a memória vinculando na intimidade de uma herança coletiva a fugacidade dos eventos atuais. Se fôssemos capazes de viver na memória, não teríamos tido necessidade de consagrar lugares de memória. Cada gesto, mesmo o mais cotidiano, seria experimentado como a repetição ritual de uma prática atemporal, numa identificação primordial de ato e significado. Com o aparecimento do vestígio, da mediação, da distância, não estamos mais no leito do rio da verdadeira memória, mas sim da história.

Esses lugares de memória são fundamentalmente vestígios do passado, as últimas encarnações de uma consciência da memória que sobrevive numa época histórica que não recorre à memória, pois a abandonou. Eles aparecem em virtude da desritualização de nosso mundo - produzindo, manifestando, estabelecendo, construindo, decretando e mantendo artificialmente e intencionalmente uma sociedade profundamente absorvida em sua própria transformação e renovação, que inerentemente valoriza o novo em detrimento do antigo, o jovem em lugar do velho, o futuro em relação ao passado.

Nora (1984) ressalta, os lugares de memória são criados por um jogo de memória e história, uma interação de dois fatores que resulta em sua recíproca sobredeterminação. Para começar tem que haver uma vontade de lembrar. Se abandonamos este critério, rapidamente seríamos levados a admitir que virtualmente tudo vale a pena de ser lembrado. Sem a intenção de lembrar, os lugares de memória seriam indistinguíveis dos lugares da história. Se aceitamos que o maior propósito do lugar de memória é parar o tempo, bloquear o ato de esquecer, estabelecer um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial - como se o ouro fosse a única memória do dinheiro - tudo isso para capturar o máximo de significado com o menor número de signos possível, deve ficar claro também que os lugares de memória apenas existem por causa de sua capacidade de metamorfose, de uma reciclagem incessante de seu significado e de uma imprevisível proliferação de suas ramificações.

A experiência passada de pessoa a pessoa é a fonte que recorrem todos os narradores. E os jovens do Cinema Meninos de Araçuaí utilizam-se disso para reproduzir as narrações de histórias e músicas orais contadas e cantadas pelos narradores de Araçuaí. Estes narradores são homens e mulheres que ganharam honestamente a sua vida sem sair do seu país e que conhecem suas histórias e tradições.

Gagnebin (1999) compartilha com as preocupações de Walter Benjamin (1994) em relação à morte da narração nas comunidades que outrora a memória, palavras e práticas sociais eram compartilhadas por todos. Comenta ainda que os dois ensaios de Walter Benjamin, "Os Narradores" e "Experiência e Pobreza" tratam do declínio da aura, declínio sensível não só nas novas técnicas do cinema e da fotografia, mas também no fim da arte narrativa tradicional, de maneira mais ampla, na nossa crescente incapacidade de contar. E por fim acredita que essa

problemática da narração concentra em si, de maneira exemplar, os paradoxos da nossa modernidade e, mais especificamente, de todos seu pensamento. É a impossibilidade da narração e a exigência de uma nova história.

Acredita-se que a experiência se inscreve numa temporalidade comum a várias gerações. Ela supõe, portanto, uma tradição compartilhada e retomada na continuidade de uma palavra transmitida de pai a filho. Continuidade e temporalidade das sociedades ~~artesanais~~, em oposição ao tempo deslocado e entrecortado do trabalho no capitalismo moderno.

Percebe-se que nas narrações do Vale há uma prática comum; as histórias do narrador tradicional não são simplesmente ouvidas ou lidas, porém escutadas e seguidas. Na fonte da verdadeira transmissão da experiência, na fonte da narração tradicional há, portanto, esta autoridade que não é devida a uma sabedoria particular, mas que circunscreve o mais pobre homem na hora da sua morte.

Para Bird & Dardenne (1988, p. 27), o estudo da narrativa e da estória está se tornando cada vez mais importante, visto que a ênfase é dada aos textos enquanto construções culturais. Antropólogos culturais redescobriram não só a narrativa como elemento importante das culturas que eles analisam, mas também começaram reflexivamente a repensar as suas narrativas etnográficas - as suas estórias noticiosas - que há muito haviam sido tratadas como relatos objetivos da realidade. O mito é primeiramente um dispositivo metafórico para dizer às pessoas de elas próprias, de outras pessoas, e do complexo mundo de objetos naturais e mecânicos no qual eles vivem.

Na perspectiva dos autores é importante salientar a comparação da narrativa como um mito. Desta forma ela serve como educação, como validação da cultura, como realização do desejo, e como força de conformidade. Nas produções cinematográficas dos jovens do Cinema Meninos de Araçuaí, isto é fortemente sustentado uma vez que a narrativa tornando-se notícia alimenta e fortalece o resgate social através dos itens citados acima.

Certeau (2008) afirma ainda que as narrativas são um saber que se faz de muitos momentos e de muitas coisas heterogêneas. Não tem enunciado geral e abstrato, nem lugar próprio. É uma memória, cujos conhecimentos não se podem separar dos tempos de sua aquisição e vão desafiando as suas singularidades.

Para Jacques Legoff (1996) a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. Certos aspectos do estudo da memória, no interior de qualquer uma destas ciências, podem evocar, de forma metafórica ou de forma concreta, traços e problemas da memória histórica e da memória social. Alguns cientistas foram assim levados a aproximar a memória de fenômenos diretamente ligados à esfera das ciências humanas e sociais. Legoff (1996) considera que o ato mnemônico (capacidade da memória) fundamental é o comportamento narrativo que se caracteriza antes de mais nada pela sua função social, pois que é comunicação a outrem de uma informação, na ausência do acontecimento ou do objeto que constitui o seu motivo.

Michael Pollak (1989) salienta que:

Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum. (POLLAK, 1989, p. 9).

A interação comunicacional nos processos de reconhecimento da memória.

Numa perspectiva construtivista, não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas, mas de analisar como os fatos sociais se tornam coisas, como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade. Aplicada à memória coletiva, essa abordagem irá se interessar, portanto, pelos processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias.

Para Nora (1984) a memória é a vida, vivenciada por sociedades vivas, fundadas em seu nome. Ela permanece em perene evolução, aberta à dialética do lembrar e do esquecer, inconsciente a suas sucessivas deformações, vulnerável a manipulações e apropriações, suscetível a longos repousos e periódicos renascimentos. A memória é um fenômeno perpetuamente atual, uma unidade que nos prende ao eterno presente; a história é a representação do passado. A memória, por ser afetiva e mágica, abriga apenas aqueles fatos que nela se encaixam; ela nutre lembranças que podem estar desfocadas, telescopicamente aumentadas, que podem ser gerais ou detalhistas, particulares ou simbólicas - de acordo com a conveniência de cada caminho ou de cada cenário, de acordo com cada censura ou

projeção. A memória instala a lembrança dentro do sagrado. A memória é cega a tudo o que não seja o grupo que ela une - o que significa dizer, que há tantas memórias quanto há grupos, e que a memória é por natureza múltipla e no entanto específica; coletiva, plural, e no entanto individual. A memória se enraíza no concreto, em espaços, gestos, imagens e objetos. A memória é absoluta.

Porém Pollak (1989) sinaliza que a despeito do esquecimento nas sociedades, da perda memória. Ela fala da importante doutrinação ideológica, essas lembranças durante tanto tempo confinadas ao silêncio e transmitidas de uma geração a outra oralmente, e não através de publicações, permanecem vivas. O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas. Embora na maioria das vezes esteja ligada a fenômenos de dominação, a clivagem entre memória oficial e dominante e memórias subterrâneas, assim como a significação do silêncio sobre o passado, não remete forçosamente à oposição entre Estado dominador e sociedade civil. Encontramos com mais frequência esse problema nas relações entre grupos minoritários e sociedade englobante.

No momento em que as testemunhas oculares sabem que vão desaparecer em breve, elas querem inscrever suas lembranças contra o esquecimento. E seus filhos, eles também, querem saber, donde a proliferação atual de testemunhos e de publicações que fazem da pesquisa de suas origens a origem de sua pesquisa. (POLLAK, 1989, p.7).

A memória, como operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado quer se salvaguardar em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações, etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade. O que está em jogo na memória é também o sentido da identidade individual e do grupo.

Para Pollak (1989) é nas lembranças mais próximas, aquelas de que guardamos, recordações pessoais são de ordem sensorial: o barulho, os cheiros, as cores.

3 CONCLUSÃO

Ainda que seja tecnicamente difícil ou impossível captar todas essas lembranças em objetos de memória confeccionados hoje, o filme é o melhor suporte para fazê-lo: donde seu papel crescente na formação e reorganização, e portanto no enquadramento da memória. Ele se dirige não apenas às capacidades cognitivas, mas capta as emoções. O filme-testemunho e documentário tornou-se um instrumento poderoso para os rearranjos sucessivos da memória coletiva e, através da televisão, da memória nacional. É neste ponto de vista que insere-se o projeto %A roda como dispositivo de interação comunicacional - empoderando sujeitos e construindo narrativas+.

Abstract

This article intends to reflect on the reality of the city of Araçuaí in the context of the Pedagogia da Roda, i.e. understand the daily life of its inhabitants, their perspectives, their communications interactions, policy narratives, his relation with the memory and its representation.

Key-Words: Pedagogia da Roda. Everyday life. Communications interactions. Narratives. Memory and representation.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. Imortalidade, na versão pós moderna. In: BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998. p. 190-204

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: o narrador - considerações sobre a obra de Nilolai Lesnow). (Experiência e pobreza). São Paulo: Brasiliense, 1994. p.197-221.

BERGER, P.T.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**: os fundamentos do conhecimento na vida cotidiana. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 1995. p.35-68.

BERGER, P.T.; LUCKMANN, T. **Tratado de sociologia do conhecimento**. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1983. p. 57-72.

BIRD, S. Elizabeth; DARDENNE, Robert W. **Mito, registro e estórias**: explorando as qualidades narrativas das notícias. Newbury Park, Ca: Sage Publications, 1988. Direitos do autor: Sage. p.263-277

BRAGA, José Luiz. Comunicação é aquilo que transforma linguagens. In: XVIII COMPÓS, Belo Horizonte, 2009. p. 1-15.

BRAGA, José Luiz. Dispositivos Internacionais. In: XX COMPÓS. Porto Alegre, P. 1-15

BRAGA, José Luiz. **Imagem, visibilidade e cultura**. Mediatização como processo interacional de referência: Livro COMPÓS. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006/2007. p. 141-163.

CERTEAU, Michael de. **A invenção do cotidiano**: volume 1 : artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2008.

COOPERATIVA Dedo de Gente. Disponível em: <www.dedodegente.com.br> Acesso em: 14 nov. 2011.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. Comunicação, representação e práticas sociais. In: PEREIRA, Miguel; GOMES, Renato Cordeiro; FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain (Org.). **Ideias e letras**. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio, 2004. p.13-25.

FRANÇA, Vera. **Interações comunicativas**: a matriz conceitual de G.H. Mead. In: XVI ENCONTRO DA COMPÓS, Curitiba, 2007. p. 1-17.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**: não contar mais? 2 ed. rev.. São Paulo: Perspectiva, 1999. p.55-72

GOFFMAN, Erwing. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1998. 233p.

GUERRA, Rosângela; ROCHA, Tião. **Araçuaí de UTI educacional a cidade educativa**: álbum de histórias. Palavra Comunicação, Belo Horizonte: 2004. p. 5-60.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**: memória coletiva e memória individual. São Paulo. Vértice. 1990. Cap.1. p.25-52.

LEGOFF, Jacques. Memória. **História e Memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 1996. p.423-469.

MEAD, Gerorge-Herbert. **Le esprit, Le soi et La société**. Paris: PUF, 2006. P. 100-310.

NORA, Pierre. **Entre a memória e a história**: os lugares de memória. Trad. de original em francês publicado in Les lieux de memoire. Paris, Gallimard, vol. 1. La Republique, 1984. p. 1-23.

POLLAK, Michel. **Memória, Esquecimento e Silêncio**. +**Estudos Históricos**, Rio de

Janeiro, v.2, n.3, 1989, p. 3-15

PRIMO, Alex (Org.) et al. **Comunicação e interações**. Porto Alegre: Sulina, 2008. 264 p.

WOLTON, Dominique. **É preciso salvar a comunicação**: revalorizar a identidade coletiva. São Paulo. Paulus, 2006. p. 147;179.